

II UM TEMPO ORIGINAL, UM ESPAÇO REGULAR*

por

Alexandra Abranches**

Quem tenha lido ou venha a ler os já vários livros de poemas escritos e publicados por Vítor Oliveira Jorge, inevitavelmente verá nas imagens de pedra, geológicas, recorrentes, uma espécie de confirmação da “natureza” do autor, arqueólogo e poeta, arqueólogo que escreve poemas. Fácil. Mas podemos supor que, inversamente, as pedras, o passado, o mundo arqueológico, são a manifestação mais imediata e superficial de uma investigação contida nos poemas, uma consequência de uma construção de imagens destinadas a convocar os fantasmas de duas exigências: o espaço do mundo como cosmos, o tempo do mundo como origem ou como progressão, ascensão, horizonte, contraposto a um tempo como decomposição.

A mineralização acompanha não apenas as descrições dos corpos, como integração de uma naturalidade mais fundamental, porque envolvendo longas camadas de tempo, mas também a descrição do próprio acto de perguntar, condições da actividade linguística e demonstração de um estado separado (o da consciência). A investigação poética constata a ocorrência da morte, marca da individuação, da separação, como uma surpresa regressada a cada momento sob a forma de um regresso mais vasto, mineral. Esta surpresa é, então, mediada pelas palavras, objectos cortantes, explosivos, implosivos, que dispersam aquele que escreve, que o rasgam enquanto ele tenta juntar um rosto que possa fixar-se e fixá-lo.

A recomposição deste sujeito, “a paixão de voltar a casa”¹, ou de pelo menos encontrar “um quarto para passar a noite”², cruza-se com os temas do cosmos e do tempo através da questão do sentido. Esta é exercida com um certo tom de lamento em relação a um mundo contemporâneo ruidoso e estranho, onde o que acontece é “chegar e partir entre um disfarce e outro”³, do qual a fuga se faz sempre e só na linguagem, nem o corpo nu é nu.

Ainda que a sensualidade surja como procura de comunicação, como forma de quebrar a dispersão ocultante da máscara da linguagem pela intimação dos sentidos — na relação com os outros e com o “natural”; como é confessado num poema de *Estrangeira*

* Um resumo deste texto, lido na Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, aquando da apresentação da nova edição de *Sem Outra Protecção Contra a Noite*, em 1996, foi publicado no “Jornal de Letras, Artes e Ideias” de 14-08-1996.

** Licenciada em Filosofia. Assistente da Universidade do Minho.

¹ *Estrangeira Terra Litoral*.

² *Estrangeira Terra Litoral*.

³ *Estrangeira Terra Litoral*.

Terra Litoral, “tudo o que procuro é recolher na palma das palavras um pouco da palpição, do calor do sangue do animal que acaba de ser abatido” — ela conduz a uma versão enraivecida da distância do mundo. Leia-se, a este propósito, o poema dez deste livro⁴ também recentemente revisto e publicado.

A primeira palavra do primeiro verso do primeiro poema deste novo livro, *Sem Outra Protecção Contra a Noite seguido de Poemas Aboboraicos e de Poemas para o Cêa****, ainda antes de qualquer numeração, é “cosmos”. Apresentado como origem — desconhecida — da escrita, do poema, e simultaneamente como interlocutor desejado mas silencioso. O espectador-actor quer do palco o mesmo que ele lhe provoca enquanto cenário ou contexto, quer ser também olhado, que lhe seja também dirigida uma palavra, que haja contacto, a única forma de calor vital. A duplicidade do mundo-cosmos, silêncio e palavra, desdobra-se por sua vez na duplicidade do tempo, dispersão e composição. A monumentalidade da paisagem é erigida com o tempo, mas este traz também erosão. Os sinais de sentido que criam a expectativa, religiosa, dele, sob a forma de comunicação, são, ao mesmo tempo, sinais de perigo: “esta mão/lentamente gretada pelo tempo”⁵. A religiosidade mostra-se nesta relação dual com o tempo e o espaço, transformada na busca de um tempo estável, o passado ou o futuro como quadro do mundo, como verdadeiro estado de comunicação do mundo, no momento, precioso e fugaz, da coincidência da monumentalidade e da vitalidade. A religiosidade mostra-se ainda na presença solitária do “eu” sendo tocado por grandes, intensos, habituais acontecimentos da paisagem (cf. poemas n° 3 e n° 4). Essa presença não se dá no centro mas na massa da paisagem: um mínimo de respiração possível, “respirar imperceptivelmente”⁶, testemunhando a vontade de uma existência re-ligada, incluída, que corresponde ao cumprimento da expectativa de sentido. O espaço como cosmos, o tempo como fundação e promessa, passado e futuro, afastada a dispersão do presente. Nos *Poemas Aboboraicos* podemos ler a imposição monumental e hierática da vasta paisagem confirmada, a paisagem como detentora de sentidos, assim como no n° 5 de *Sem Outra Protecção Contra a Noite*: “olha como todos os velhos / humanidades inteiras que já viveram / dançam agora circularmente em torno do sol”, e ainda no n° 16 do mesmo conjunto (“dentro do meu sangue milhões de seres agitam-se surdamente”). Este tema da deposição de sentido, na paisagem e no corpo do sujeito, aparece em outros lados, mostrando um “eu” retido pelo testemunho frio dos outros, por um legado, uma história que o atravessa ou que verifica em si próprio, numa falsa interioridade ou numa interioridade despedaçada, estranha, em virtude da exterioridade dos outros seres.

A re-ligação é tentada aprofundando-se o tema da sensualidade em direcção ao amor como estado edénico, não repousante porque não atingido, antes ritualizado. O “tu” é eminentemente um objecto para os sentidos, a sua posse é violenta, cortante, enfurecida, ritual. Repõe-se o tema da distância: o corpo do “tu” é rodeado, invadido por fenómenos naturais, vegetais e animais, sob observação, como os outros elementos da paisagem. Mas é especialmente referido enquanto possibilidade de permanência no mundo (“e assim aprendi a sobreviver contigo”⁷), enquanto única e última oportunidade de realizar o sentido religioso e a vontade de ritual que o celebre e confirme. No poema n° 15 fala-se d’“a nossa antiga

*** Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1996.

⁴ *Estrangeira Terra Litoral*.

⁵ *Sem Outra Protecção Contra a Noite*.

⁶ *Sem Outra Protecção Contra a Noite*.

⁷ *Sem Outra Protecção Contra a Noite*.

e íntima companhia”, do casal elementar incrustado na paisagem elementar, cuja constituição é sempre perturbada pelo isolamento em que o presente como passagem do tempo e momento da consciência mantém o sujeito: “porque há alguém sempre junto de nós, fazendo ruído, enchendo espaço?”⁸. O presente é pedra, ou processo de transformação em pedra, que é preciso inundar de sangue em direcção a um Recomeço do Tempo. Leia-se também o poema nº 20, emblemático da vontade de recomeçar, fazendo suspeitar de uma outra vontade, a de não ser apanhado no meio de um processo que nos domina, para ser contemporâneo de uma origem que confira poder, controle, sobre esse processo.

O poema nº 24 do primeiro conjunto de poemas, *Sem Outra Protecção Contra a Noite*, traz um pequeno indício de um tema importante mas talvez mais presente em outros textos que não os deste livro. De qualquer modo é um tema que permite consolidar a compreensão do veredicto sobre o presente. A referência ao retrato da mãe corresponde a uma convicção: o meu passado não é o meu passado, o meu passado é a primeira experiência da distância do mundo e da ausência de sentido; sobre ele é que o tempo actua de forma dolorosa, é ele que o presente testemunha sob a forma de ruído e banalidade.

Finalmente, uma breve referência ao último conjunto de poemas do livro. Surgidos num contexto de activismo político e cultural, os *Poemas para o Cda* não deixam por isso de continuar a comemoração e a defesa da investigação poética inicial. O que fica do tempo é a única indicação que temos de que poderemos vir a ser devolvidos ao sentido, de que seremos retirados do círculo asfíxiante e isolado da consciência. Deixar desaparecer é condenar o espaço, o tempo, o sentido, o mundo, o eu, à desagregação rochosa do presente.

⁸ *Sem Outra Protecção Contra a Noite*.